

# **Crescimento de mercado e de competitividade na indústria fonográfica brasileira nas décadas de 1940 a 1960**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA, ESTÉTICA MUSICAL E INTERFACES

*Guilherme Araújo Freire*

*Universidade Federal do Ceará – guilhermefreire@ufc.br*

**Resumo.** Este trabalho trata das transformações pelas quais o mercado fonográfico passou nas décadas de 1940, 1950 e 1960, relacionadas com o processo de intenso crescimento industrial ocorrido no país. A partir de informações presentes na bibliografia especializada e de dados estatísticos publicados na imprensa por jornalistas ou por órgãos de pesquisa de mercado, tentamos apresentar informações mais detalhadas sobre como ocorreu o fenômeno de crescimento da indústria de disco, do ingresso de um grande número de novas gravadoras nacionais e o consequente crescimento da competitividade no mercado.

**Palavras-chave.** Indústria fonográfica. Mercado fonográfico. Música brasileira.

**Market and Competitive Intensity Growth in the Brazilian Music Industry in the 1940s and 1960s**

**Abstract.** This work deals with the transformations that the phonographic market suffered through in the 1940s, 1950s and 1960s, related to the process of intense industrial growth that occurred in Brazil. Based on information in the specialized bibliography and statistical data published in the press by journalists or market research institutions, we try to present more detailed information about how the phenomenon of growth in the music industry occurred, the entry of a large number of new national record labels and the consequent growth in market competitiveness.

**Keywords.** Phonographic Industry. Phonographic Market. Brazilian Music.

## **1. Primeiros anos da produção fonográfica no Brasil e as primeiras empresas**

Na década de 1940, diferentes setores de produção e difusão de produtos em massa, tais como o rádio, as gravadoras de discos, o cinema e o mercado editorial, se modernizavam e começavam a articular suas atividades. A indústria fonográfica, que operava desde a sua implantação pelo empreendedor tcheco Frederico Figner no fim do século XIX e a instalação da primeira fábrica da Odeon em 1912, já havia avançado algumas etapas de desenvolvimento com a introdução do sistema elétrico de captação em 1927, o qual proporcionou uma expressiva melhora de qualidade na reprodução dos discos e contribuiu significativamente para a expansão do mercado. Nesse período, a vigência das patentes que regulavam o acesso à tecnologia de reprodução sonora expirou (VICENTE; DE MARCHI, 2014, p. 12) e, assim, algumas gravadoras internacionais puderam se instalar no Brasil, atuar no mercado latino-americano e recuperar suas finanças, as quais haviam sido afetadas pela crise econômica de 1929. Assim, entre 1927 e 1932 quatro gravadoras estrangeiras e três

nacionais iniciaram suas atividades no país, porém os empreendimentos locais não subsistiram, restando apenas três empresas estrangeiras, que ficaram responsáveis pela produção brasileira de discos 78rpm até praticamente o final da Segunda Guerra Mundial: Odeon, Victor e Columbia (GONÇALVES, 2006, p. 30-59).

Gravadoras em atividade no Brasil (1902 – 1943)					
	Gravação mecânica			Gravação elétrica	
	1902-1908	1908-1920	1921-1927	1928-1932	1932-1943
<b>Empresas estrangeiras</b>	Internacional Zon-0-phone  Odeon	Columbia Phonograph Victor Record Faulhaber/Favorite Odeon Discos Phoenix	Odeon  Popular/Jurity	Columbia Victor Odeon Parlophon Brunswick	Columbia-CBS RCA-Victor EMI-Odeon
<b>Empresas nacionais</b>		Gran Record Brasil Discos Gaúcho Disco Popular	Imperador	Imperador Arte-fone Brazilphone Ouvidor	

**Tabela 1:** Estimativa de gravadoras que atuaram no Brasil entre 1902 e 1943 (In: GONÇALVES, 2006, p. 38)

Antes da chegada das gravadoras estrangeiras citadas, entre 1927 e 1928, estimava-se que eram produzidas um pouco mais de 600 matrizes pela Odeon (cf. DISCOGRAFIA, 1982), única grande gravadora em atividade, cuja fábrica dispunha de capacidade para produzir 125 mil discos mensalmente (cf. LAUS, 2005). Com a chegada das quatro novas empresas no país em 1929, avalia-se que a produção de matrizes quase triplicou, conforme aponta levantamento feito pelos pesquisadores Gracio Barbalho, Nirez, Jairo Severiano e Alcino Santos no catálogo de discos produzidos entre 1902 e 1964, intitulado *Discografia Brasileira 78 rpm*. Apesar dos autores não estarem isentos de equívocos na avaliação estatística da produção do período, não seria nada absurdo reconhecer que ocorreu no período um salto qualitativo e quantitativo no mercado com a chegada do sistema elétrico

de reprodução/gravação, a instalação de novas fábricas e estúdios no país e o barateamento dos aparelhos reprodutores.

Discos de música brasileira e de música estrangeira integravam os catálogos das cinco empresas, sendo estes últimos prensados no Brasil a partir de matrizes estrangeiras. Nos primeiros anos da fonografia, o repertório gravado consistia em sua maior parte de modinhas e lundus acompanhados ao violão e uma menor parte de músicas instrumentais executadas por bandas e artistas atuantes no ramo do entretenimento dos teatros de revista, cinemas, *music-halls*, *varietés*, cabarés, café-cantantes e circos (BESSA, 2005, p. 24-5). Entre as músicas instrumentais, notava-se invariavelmente a presença de gêneros dançantes derivados das danças de salão europeias (valsas, polcas, *schottisches*, mazurcas e quadrilhas), as quais já começavam a serem adaptadas em sua execução rítmica com a sincopa brasileira e receber a designação de tango brasileiro ou maxixe. Após o final da primeira Guerra, repercute no país os modismos associados ao consumo de gêneros que se popularizavam nos Estados Unidos, como o *ragtime*, o *cakewalk*, o *charleston*, o *one-step*, o *two-step* e, sobretudo, o *fox-trot*, cujos discos já eram importados e também prensados localmente desde os primeiros anos da fonografia<sup>1</sup>. Conforme aponta Gomes (2004, p. 81-5) em sua pesquisa sobre o teatro de revista desse período, tais gêneros figuravam entre os mais executados, por exemplo, nas peças da companhia de teatro Paschoal Segreto, uma das mais lucrativas da capital carioca.

## **2. Crescimento da produção industrial nacional, do mercado fonográfico e aumento da competitividade na década de 1950**

Na década de 1940, a ocorrência de três eventos aponta o início de uma mudança estrutural na configuração do mercado fonográfico brasileiro, o qual estivera sob domínio das gravadoras estrangeiras por aproximadamente dez anos. A empresa norte-americana Columbia (CBS) era representada no país pelo empresário Alberto Byington, desde 1929, através do selo Columbia do Brasil. Após a decisão de instalarem fábrica e filial próprias no país e não renovarem o contrato de representação em 1943, Byington resolveu criar a própria gravadora, aproveitando o maquinário, a rede de contatos e o esquema de distribuição que havia desenvolvido. Nesse momento, o selo Continental é fundado, adotado pela empresa Gravações Elétricas S.A. de Byington, e se torna a primeira empresa brasileira de grande porte do mercado fonográfico (VICENTE, 2002, p. 54-5).

Em 1945, apenas dois anos depois, outra gravadora brasileira é fundada pelo empresário Paulo Serrano, a Sociedade Interamericana de Representações (Sinter). Sua



estrutura física foi instalada em um prédio projetado por Oscar Niemeyer no Alto da Boa Vista (RJ) e passou a competir no mercado investindo no repertório nacional e, ao mesmo tempo, atuando como subsidiária da empresa norte-americana Capitol (LAUS, 2005, p. 124). Em 1948, através da iniciativa dos irmãos Vitale, proprietários de uma das maiores editoras de partituras do país, mais uma significativa gravadora brasileira foi fundada no Rio de Janeiro, a Copacabana. Assim como a gravadora Continental, também dispôs de fábrica, gráfica e setor administrativo próprios e, por isso, teve condições para realizar quase todas as etapas envolvidas na confecção dos discos. Inicialmente estabeleceu sede no Rio de Janeiro, porém anos depois, foi transferida para a cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo.

Gravadoras mais representativas em atividade no Brasil (1943 – 1972)					
	78 rpm e Compactos simples	78rpm, Compactos simples e Long-plays			
	1943 – 1951	1952 – 1957	1958 – 1964	1965 – 1968	1969 – 1972
<b>Empresas estrangeiras</b>	Columbia-CBS RCA-Victor EMI-Odeon	Columbia-CBS RCA-Victor EMI-Odeon	CBS RCA-Victor EMI-Odeon Philips-Phonogram	CBS RCA-Victor EMI-Odeon Philips-Phonogram	CBS RCA EMI-Odeon Philips-Phonogram
<b>Empresas nacionais</b>	Continental Sinter Copacabana	Continental Sinter/CBD Copacabana Mocambo/Rozenblit RGE Fermata Rádio Chantecler Musidisc Todamérica Festa	Continental Sinter/CBD Copacabana Mocambo/Rozenblit RGE Fermata Rádio Chantecler Musidisc Todamérica Festa Elenco	Continental Copacabana Mocambo/Rozenblit Fermata/RGE Chantecler Musidisc Festa Elenco Forma Equipe	Continental Copacabana Mocambo/Rozenblit Fermata/RGE Chantecler Musidisc Equipe

**Tabela 2:** Estimativa de gravadoras mais representativas que atuaram no Brasil entre 1943 e 1972. Fonte: Catálogos da *Revista Long Playing* e outras diversas<sup>2</sup>.

Até esse momento, devido à condição de subdesenvolvimento, à fraca segmentação e falta de especialização do mercado de bens simbólicos, as gravadoras lançavam indistintamente os gêneros e estilos que circulavam. Não havia a necessidade de conceituar um selo diferente para cada tipo de produção ou de evitar misturas incoerentes de estilos musicais nos dois lados dos discos. Conforme aponta Laus (2005, p. 122-3), até o ano de 1946 as capas de discos confeccionadas seguiam um mesmo padrão (não-personalizadas) de baixo custo: um envelope simples com um buraco no meio e textos tipográficos, sem ilustrações. Dado que o formato do compacto simples apenas permitia o registro de uma música em cada lado do disco, julgava-se suficiente o próprio selo fixado ao centro, uma vez que já continha todas as informações consideradas relevantes. A partir de meados dos anos

1940 começaram a ser empregadas fotografias para ilustrar os envelopes, geralmente acima de uma lista do repertório dos artistas no catálogo da gravadora. Somente a partir dos anos 1950 capas personalizadas passam a ser confeccionadas a partir de uma concepção gráfica, incluindo fotos, desenhos, nome do intérprete/grupo, título do disco, logo da gravadora, e eventualmente dados técnicos relacionados à gravação (*idem*). Segundo Vicente (2014, p. 73), a gravadora Sinter foi pioneira no design das capas dos discos por ter contratado cartunistas e desenhistas conceituados como Lan (Lanfranco Cortelline Rossi), Nássara (Antonio Gabriel Nássara) e Miécio Caffé, entre outros, para ilustrar as capas dos seus lançamentos.

Durante a década de 1950, com a intensificação do crescimento industrial, a expansão do setor terciário e o rápido crescimento dos centros urbanos (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador, entre outros), a configuração do mercado de bens simbólicos, que era marcada por certa incipiência nas décadas anteriores, começa a se desenvolver. Nesse período, como consequência das políticas de investimento que integravam o Plano Nacional de Reparcelamento Econômico no governo de Getúlio Vargas (1951-1954), foi impulsionado o desenvolvimento das indústrias de base, transporte, energia, frigoríficos e modernização da agricultura. Com a realização de investimentos estrategicamente direcionados foram dinamizados os diferentes setores produtivos ligados à borracha, ao cimento, à siderúrgica, à química e à farmacêutica. A expansão significativa dos bens de produção e de consumo acarretou a necessidade da ampliação de parques industriais e intensificou o processo de urbanização, ocasionando grandes movimentos migratórios das cidades do interior e de outras regiões do país para as capitais da região sudeste (IANNI, 1996, p. 119-147).

Considerando esse cenário, é plausível assumir que as transformações trazidas pela intensificação do desenvolvimento industrial no país incidiram também na esfera cultural, uma vez que paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, especialmente nas capitais urbanas, se expandiam, em certo grau, determinados setores ligados ao mercado de bens culturais. No que se refere à indústria fonográfica em específico, apesar de ainda apresentar feições locais e dispor de um sistema de distribuição limitado, na década de 1950 seu volume de produção também experimenta um acréscimo considerável em relação às décadas anteriores. Contribuía para este fenômeno não apenas os investimentos volumosos do Estado na expansão industrial através dos planos econômicos de Vargas (“PNRE” – Plano Nacional de Reparcelamento Econômico) e

Kubitschek (“Programa de Metas”), mas também a instalação de novas fábricas de discos e filiais de gravadoras em território nacional.

Conforme apontam os resultados de um censo realizado em 1950, operavam no país seis fábricas de discos, a maior parte localizada em São Paulo, cuja produção anual era estimada aproximadamente na marca de cinco milhões de unidades de discos, todos no formato de 78rpm (cf. OS DISCOS, 1956). Nesse período, se concentravam aproximadamente 70% do número de funcionários ocupados e de 50% do valor da produção nacional apenas em São Paulo. Estatísticas feitas a partir dos dados presentes no “Registro Industrial” do IBGE, referentes ao ano de 1956, apenas seis anos depois, apontaram que a produção brasileira alcançara a cifra de 15.932.639 unidades de discos, produzidos no conjunto de nove fábricas em atividade no país (cf. OS DISCOS, 1956; QUÁDRIO, 1957), seja produção relativa à própria gravadora proprietária da fábrica, fabricação de remessa de discos encomendada ou produções de selos subsidiários. Assim, a partir desses dados pode-se inferir que, durante a década de 1950, a capacidade de produção aumentou com a instalação de três novas fábricas no país, fator este que parece ter contribuído para um crescimento considerável do volume de produção de discos.

Uma análise em perspectiva do desenvolvimento do mercado fonográfico deste período permite identificar duas fases em sua configuração interna. Entre 1930 e meados da década de 1940, verifica-se uma primeira fase de expansão e concentração do mercado nacional nas mãos das três gravadoras estrangeiras que também lideravam o mercado no panorama internacional (FLICHY, 1982, p. 23) - RCA-Victor, Colúmbia (CBS) e EMI-Odeon. Orientadas pela mesma estratégia aplicada em outros países, essas gravadoras focaram suas produções no repertório nacional, trabalharam com os intérpretes locais mais notáveis e, assim, se estabeleceram mantendo o domínio do mercado brasileiro através do controle das fábricas em atividade, dos esquemas de distribuição e de canais de divulgação (vínculos com emissoras de rádio, revistas especializadas e anúncios em jornais).

A partir de 1945 se inicia uma segunda fase de expansão e aumento da concorrência no mercado através do ingresso de uma série de gravadoras nacionais no mercado (ver Tabela 2), tanto por meio de gravações e produções próprias como também enquanto subsidiárias de outros selos estrangeiros; algumas delas chegaram a instalar estrutura física própria (fábrica, estúdio, tipografia, refeitório, etc.). Além das gravadoras já citadas anteriormente (Continental, Sinter, e Copacabana), começaram a lançar discos e competir no mercado a gravadora Todamérica (1950), de quatro sócios vinculados à UBC

(União Brasileira de Compositores) - Alberto Byington (também dono da gravadora Continental), Sávio da Silveira, Carlos Alberto de Ferreira Braga e o americano Wallace Downey (BERNARDO, 2004, p. 124); a Musidisc (1953) do compositor Nilo Sérgio (VICENTE, 2014, p. 61); a Rozenblit (1954), da família recifense de judeus empresários Rozenblit (SOBRINHO, 1993, p. 49-54); a RGE (1954) do empresário e publicitário José Scatena (PAIVA, 2010, p. 13); Fermata (1954) do empreendedor polonês recém-imigrado Enrique Lebendiger (cf. ASSEF & MELO, 2017); Rádio (1951) fundada por Ovídio Grottera (VICENTE, 2014, p. 121); a gravadora Festa (1955) de Irineu Garcia (cf. MURILO, 1955) e a Chantecler (1956), fundada pelo grupo Cássio Muniz (VICENTE, 2010, p. 82-3). Não consideramos implausível assumir esta proliferação de empresas nacionais como uma consequência dos investimentos estatais e o surto de expansão, desenvolvimento industrial e urbanização ocorrido ao longo na década de 1950, o qual parece ter afetado similarmente a dinâmica do setor fonográfico. Até meados da década de 1960, o mesmo cenário de acréscimo da concorrência se mantém com a instalação da gravadora Philips-Phonogram no país, em 1958, e a fundação da gravadora Elenco de Aloísio de Oliveira, em 1963 (cf. ECO, 1963), da gravadora Equipe de Oswaldo Cadaxo, em 1964, entre outras. No entanto, ao contrário do que se poderia supor, o aumento da concorrência no mercado não parece ter afetado significativamente a posição de liderança destacada das gravadoras estrangeiras, ao menos até os últimos anos de 1950.

### **3. Participação no mercado das empresas fonográficas no contexto de crescimento**

Apesar de não terem sido realizadas pesquisas sobre o percentual de participação das gravadoras no mercado fonográfico nas décadas de 1950 e 1960, uma análise das listagens dos discos mais vendidos, que foram publicadas semanalmente pela *Revista do Rádio* entre 1950 e 1959, aponta um notável predomínio das grandes gravadoras estrangeiras Columbia, RCA-Victor e Odeon, juntamente com a gravadora brasileira Continental (MACHADO, 2016, p. 241-301). Os dados da tabela a seguir, montada com base nestas listagens, que eram elaboradas pelo periódico através de consultas feitas a lojas de discos da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, apontam claramente a liderança destas gravadoras no mercado durante a década de 1950 em relação aos demais selos concorrentes (Sinter, Copacabana, Todamérica, etc.).

### Participação das gravadoras nas listagens de discos mais vendidos (RR)<sup>3</sup>

	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959
RCA-Victor	54	25	17	19	14	17	10	23	20	25
Odeon	43	21	17	6	12	20	14	19	16	23
Columbia	6	-	-	-	7	32	31	23	27	26
Continental	26	29	26	9	9	12	20	8	-	8
Sinter	7	20	8	8	6	8	10	-	5	3
Copacabana	-	4	-	12	21	21	17	11	10	11
Todamérica	-	24	12	10	-	-	1	-	1	1
Outras <sup>4</sup>	15	2	2	3	9	18	16	37	31	27

**Tabela 3:** Participação das gravadoras nas listagens de discos mais vendidos realizadas pela *Revista do Rádio* entre 1950 e 1959.

Como podemos perceber, o predomínio de quatro gravadoras permanece constante e é afetado sutilmente pela concorrência das novas gravadoras nacionais apenas nos últimos anos da década. Uma consulta das músicas presentes nas listagens desse período indica a existência de uma demanda por canções de filmes de selos estrangeiros representados por gravadoras nacionais, seguidas de canções de bolero, samba-canção e gêneros regionais não contemplados pelas grandes gravadoras, como a música sertaneja e o frevo. Apesar de não terem emplacado muitos discos nas listagens de discos mais vendidos elaboradas pela *Revista do Rádio*, as novas gravadoras nacionais atuaram na expansão do volume de produção do mercado e na diversificação da oferta de produtos, uma vez que produziam para segmentos e artistas preteridos pelas grandes gravadoras que lideravam o mercado.

Na visão do crítico especialista em música erudita, Maurício Quádrio (1957b), um dos problemas centrais do segmento de música erudita, designada como “fina”, “de classe” no período, consistia na falta de variedade do repertório lançado, uma vez que um mesmo conjunto de obras clássicas era lançado pelas mesmas gravadoras estrangeiras. Nesse sentido, a atuação de gravadoras nacionais, na década de 1950, contribuiu para suprimir a deficiência desta área: a gravadora Sinter, por exemplo, representava selos internacionais que desfrutavam de sucesso no mercado exterior (Decca, Urânia, Westminster, Vox, Nixa e Montilla) e trabalhou um repertório que abrangeu diversos gêneros e épocas, com destaque para o repertório de Mozart e as coleções da Vox dos concertos de Vivaldi e de Brandenburgo

de J. S. Bach e também a série de concertos e peças de piano interpretados por Guiomar Novaes. Além da Sinter, as produções das gravadoras Copacabana e Rozenblit também eram enaltecidas pelas suas contribuições no lançamento de um repertório ainda não disponível para aquisição (QUÁDRIO, 1957b).

<b>Gravadora</b>	<b>Selos que representaram nos anos 1960</b>
Odeon	London, Angel, Capitol, Warner Bros, Imperial e Orion
RCA Victor	RCA Camden, Liberty e Elenco
Sinter/CBD	Philips, Polydor, Decca, Westminster, Fonit, ABC Paramount, Vanguard, Mercury, Elenco e Forma
Rozenblit	Mocambo, Kapp, Seeco, Barclay, United Artists, Gurtler, Blue Hell, Time, Jay-Gee, Vogue, Sidet, Meazzi, Surf, Supraphon, Italdisc e Italmusic
Continental	Kapp, Col-Pix, W&G's, Caboclo, Sertanejo, Ducretet-Thomson, Durium, Telefunken, Disquinho e Discão
RGE	Dot, Everest, Orfeon, 20th Fox, CGD, GC, Onix, Antar e Barclay
Fermata	Young, Cameo, A&M, Hispa-Vox, Jupiter, Premier, Ateo, Durium, Parkway e Tamla/Motown
Copacabana	Palette, Hi-Fi Record, Montilla, Audiomex, MGM/Verve, Hi-Fi Record, Montilla e Audiomex
Chantecler	Sertanejo, Ricordi, Roulette, Marfer, Fuentes, Peerless, Sica Peruana, Disk Luckey, S.R.L. e Edward Radio
Musidisc	Masterpiece, Audio Laboratory, MGM, Vox, Hi-Fi Jazz, Nilser, United Artists, Command, Audiola, Grand Award e Junior

**Tabela 4:** Relação de gravadoras e os respectivos selos que representaram no Brasil na década de 1960. Fonte: *Cashbox Magazine*<sup>5</sup>.

Vale destacar que a possibilidade de representar selos estrangeiros no país constituía para as gravadoras nacionais um meio lucrativo de atuar no mercado, uma vez que recebiam as matrizes prontas do exterior e por isso não precisavam arcar com as despesas de gravação ou realizar investimentos em publicidade/promoção, dado que já eram produções divulgadas internacionalmente. Compôs uma atividade atrativa na medida em que, enquanto subsidiárias, obtinham um retorno financeiro considerável e mantinham uma determinada parcela de participação no mercado com a grande repercussão de canções internacionais, seja

de artistas de sucesso efêmero ou de trilhas sonoras de filmes de grande repercussão comercial<sup>6</sup>.

Durante a década de 1960, o cenário de expansão e aumento da concorrência no mercado se mantém com a instalação da gravadora Philips no país, em 1958 e a fundação de outras gravadoras, como a Elenco, Equipe, Sideral, Top-tape, Tapeçar, entre outras. Através da análise das listagens dos discos mais vendidos publicadas pela *Revista do Rádio* e das listagens elaboradas pela empresa de pesquisa de mercado NOPEM<sup>7</sup> pode-se perceber que, apesar do prevaente domínio das grandes gravadoras estrangeiras, persiste ainda assim um cenário de competitividade no mercado no período, no qual as gravadoras nacionais movimentam certa parcela considerável do mercado. Vejamos os dados nas duas tabelas a seguir:

**Participação das gravadoras nas listagens de discos mais vendidos (RR)**

	1960	1961	1962	1963	1964
RCA-Victor	23	28	35	25	21
Odeon	37	25	14	27	14
Columbia/CBS	15	11	9	12	15
Philips	1	4	8	21	6
Continental	8	11	10	3	2
Copacabana	12	9	15	10	15
Chantecler	10	8	13	2	12
Outras <sup>8</sup>	12	21	15	12	10

**Tabela 5:** Participação das gravadoras nas listagens de discos mais vendidos realizadas pela *Revista do Rádio* entre 1960 e 1964.

**Participação das gravadoras nas listagens dos 50 discos mais vendidos (NOPEM) <sup>9</sup>**

	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971
RCA-Victor	7	4	2	7	5	8	2
Odeon	11	10	14	11	9	9	8
CBS	8	8	6	11	9	9	6
Philips	6	5	5	8	8	7	8
Continental	1	2	5	1	0	1	2
Copacabana	4	3	6	3	5	1	3
RGE	3	3	2	3	3	1	2
Outras <sup>10</sup>	10	15	10	6	11	14	18

**Tabela 6:** Participação das gravadoras nas listagens dos 50 discos mais vendidos no eixo Rio-São Paulo elaboradas pelo NOPEM entre 1965 e 1971.

Deste modo, considerando tais bases de dados como referência para análise da configuração do mercado fonográfico, nota-se como uma consequência da proliferação de gravadoras nacionais e iniciativas autônomas na década de 1950 um aumento representativo da competitividade no mercado, que fez com que as gravadoras estrangeiras perdessem determinadas fatias do mercado e do público consumidor para as empresas concorrentes. Tal relação disposta entre gravadoras nacionais e estrangeiras na configuração de mercado parece se prolongar até a década de 1970, período em que uma série de outros fatores começam a interferir e contribuir para ocorrer uma nova concentração de mercado.

#### **4. Considerações finais**

Observamos que, em um contexto de crescimento industrial intensificado, decorrente das medidas econômicas nacionalistas e de políticas de investimento estatal adotadas no segundo governo de Getúlio Vargas (1951 – 1954), o mercado fonográfico também foi afetado pelas transformações econômicas do país. Identificamos um crescimento não apenas no número de fábricas de disco instaladas no país, mas também do número consideravelmente maior de gravadoras em atividade e do número de discos fabricados. Além de terem abalado o domínio das gravadoras estrangeiras do mercado, as novas gravadoras nacionais atuaram na expansão do volume de produção do mercado e na diversificação da

oferta de produtos, uma vez que produziam para segmentos e artistas preteridos pelas grandes gravadoras que lideravam o mercado.

### Referências

ASSEF, Cláudia; MELO, Alexandre de. *Ondas tropicais - Biografia da primeira DJ do Brasil*: Sonia Abreu. 1. ed. São Paulo: Matrix, 2017.

BERNARDO, Marco Antônio. *Waldir Azevedo: um cavaquinho na história*. São Paulo: Irmão Vitale, 2004.

BESSA, Virgínia de Almeida. “*Um bocadinho de cada coisa*”: trajetória e obra de Pixinguinha. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

*DISCOGRAFIA Brasileira 78 rpm. 1902-1964*. 5 vols. Rio de Janeiro, Funarte, 1982.

ECO, Mister. Elenco & outras. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1963. p. 8.

FLICHY, Patrice. *Las Multinacionales del audiovisual*. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli. 1982.

GONÇALVES, Camila Koshiba. *Música em 78 rotações: “Discos a todos os preços” na São Paulo dos anos 30*. 241 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

IANNI, Octávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1996.

LAUS, Egeu. “Capas de Discos: os primeiros anos”. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MACHADO, Adelcio Camilo. *O “lado b” da linha evolutiva: Nelson Gonçalves e a “má” música popular brasileira*. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo, 2016.

MURILO, Cláudio. Drummond e Bandeira em vinilite. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1955. 5º Caderno, p. 12.

OS DISCOS e a estatística. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1956. 2º Caderno, p. 4.

PAIVA, Eduardo. Vacinado com agulha de vitrola: os anos dourados da gravadora RGE. In: VICENTE, E.; GUERRINI JR. I. (orgs). *Na trilha do disco: relatos sobre a indústria fonográfica no Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

QUÁDRIO, Maurício. O brasileiro sabe ouvir música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1957a. 1º Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. Repertórios. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1957b. 1º Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. Mediocridade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 mai. 1957c. 1º Caderno, p. 2.

SOBRINHO, Antônio Alves. *Desenvolvimento em 78 rotações: A Indústria fonográfica Rozenblit (1953-1964)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 1993.

VICENTE, Eduardo. *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Segmentação e consumo: a produção fonográfica brasileira, 1965–1999. In: *Revista ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, , jan.-jun. 2008, p. 99-117.

\_\_\_\_\_. Chantecler: uma gravadora popular paulista. *Revista USP*, São Paulo, n.87, p. 74-85, setembro/novembro 2010.

VICENTE, E.; DE MARCHI, L. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010: uma contribuição desde a Comunicação Social. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 3, v. 1, p. 7-36, jul.-dez. 2014a.

VICENTE, Rodrigo Aparecido. *Música em Surdina: sonoridade e escutas nos anos 1950*. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2014b.

## Notas

<sup>1</sup> O primeiro *cakewalk* registrado no Brasil foi gravado pela Banda do Corpo de Bombeiros, entre 1904 e 1907, e foi intitulado *At a Georgia campmeeting*, de Kerry Mills. Disco Odeon 40.115. (cf. DISCOGRAFIA, 1982).

<sup>2</sup> Além dos catálogos de discos lançados no mercado fonográfico, publicados pela *Revista Long Playing* entre 1956 e 1971, serviram como base na elaboração da tabela as informações presentes em matérias de periódicos pesquisadas, assim como no acervo de fonogramas do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) e em livros/trabalhos acadêmicos de pesquisadores da área - VICENTE, 2014; VICENTE, 2010; VICENTE, 2002, p. 307-331; PAIVA, 2010; TARIK *apud* BERNARDO, 2004, p. 124; ASSEF & MELO, 2017.

<sup>3</sup> Os números vinculados a cada gravadora não correspondem ao número total de discos, a cada ano, presentes nas listas publicadas pelo periódico, mas sim à quantidade de aparições dos lançamentos de cada gravadora nas listas. Não era raro que um mesmo título permanecesse entre os mais vendidos por mais de uma semana e se repetisse nas listagens.

<sup>4</sup> Dentre os outros selos presentes nas listagens publicadas pela *Revista do Rádio* constam: Star, Polydor, Musidisc, Decca, Repertório, RGE, Rozenblit/Mocambo/Mercury/Seeco, Fonit e Chantecler. A participação de gravadoras sem sede no Brasil nas listagens foi vinculada às gravadoras que as subsidiavam, conforme consta: MGM e London – Odeon; Capitol – Sinter (cf. QUÁDRIO, 1957).

<sup>5</sup> Edição de 5 de agosto de 1961, p. 64 e edição de 9 de julho de 1966, p. 11. O *Cashbox Magazine* foi um periódico norte-americano que tratava da indústria fonográfica e teve periodicidade semanal entre julho de 1942 a novembro de 1996. A partir da década de 1960, incluiu uma seção internacional, na qual eram apresentadas notícias e análises do mercado fonográfico de outros países (Alemanha, Inglaterra, França, México, Brasil, Argentina, Japão, entre outros). Constituiu um dos diversos periódicos que publicavam listas dos discos mais vendidos nos Estados Unidos, ao lado de concorrentes como o *Billboard* e *Record World*. Informações obtidas através de consulta ao link <https://www.americanradiohistory.com/Cash-Box-Magazine.htm>, realizada em 20/11/2018. Coleção de edições do periódico disponível para consulta no acervo da fundação Internet Archive - <https://archive.org/>.

<sup>6</sup> A título de exemplo de compactos simples com canções estrangeiras de sucesso efêmero, pode-se citar *Love letters* de Victor Young (Decca/1950), *Ballerina* de Bing Crosby (Decca/1950), *Limelight*, versão de Frank Chacksfiel (Decca/1953), *El ermitaño* de Sonora Matancera (Seeco/1955), *Love is many splendored thing* de David Rose (MGM/1956), *When* de The Kalin Twins (Decca/1958), *Smoke gets in your eyes* de The Platters (Mercury/1959), *Put your head on my shoulder* de Paul Anka (Polydor/1960), *Personality* de Don Taylor (RGE/1960), *Come september* de Billy Vaughn (RGE/1962), *Let's twist again* de Chubby Checker (Fermata/1962), *Ya ya* de Joey Dee (Fermata/1962), *Una lacrima sul viso* de Bobby Solo (Chantecler/ 1964), *My Boy Lollipop* de Millie Small (Fermata/1965), *The more I see you* de Cris Montez (Fermata/1966), *Love me, please love me* de Michel Pilnarefe (Mocambo/1967), *You've got troubles* de Jack Jones (Chantecler/1969), *My*

---

*Pledge of love* de The Joe Jofrey (Top-Tape/1970), entre outros. Fonte: Listagens de discos mais vendidos elaboradas pelo NOPEM e pela *Revista do Rádio*; estas últimas consultadas em MACHADO, 2016, p. 241-301.

<sup>7</sup> Conforme aponta Vicente (2008: 100), o NOPEM (Nelson Oliveira Pesquisas de Mercado) foi criado, em 1965, com o objetivo de atender exclusivamente à indústria fonográfica. Nelson Oliveira, seu fundador, trabalhara anteriormente no IBOPE e organizou sua pesquisa própria de vendas de discos a partir de consultas à lojistas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Dentre os outros selos, presentes nas listagens publicadas pela *Revista do Rádio*, constam: Polydor, Todamérica, Rozenblit/Mocambo, Fermata, Musidisc, Drink, Sideral, Chantecler, Otiger, Liberty e Albatroz.

<sup>9</sup> Nesta tabela, os números vinculados a cada gravadora correspondem ao número total de discos, a cada ano, presentes nas listas elaboradas pelo NOPEM.

<sup>10</sup> Dentre os outros selos, presentes nas listagens elaboradas pelo NOPEM, constam: Rozenblit/Mocambo, Equipe, Polydor, Fermata, Musidisc, GNI, Reprise, HI-FI, Chantecler, Top-tape, Tapeçar, Caravelle, Savoia, Castelinho, Epic, Ebrau, Som Maior, Apple, Young, Beverly e Liberty.